

O DOMINGO

ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELE. 637-N, LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & NOTURIDADES CARIÓTIPO • TEXTOS • SPORTS & AVENTURAS • CONSULTORIOS & UTILIDADES



Um grande desafio de foot-ball E' preciso vencer a França!

Uma fase do treino para a grande prova do Portugal-França. Em baixo a selecção portuguesa, definitiva, para a grande prova. Da esquerda para a direita: VARELA, CASOTO, LIBERTO, JOÃO DOS SANTOS, PINHO, JORGE VIEIRA, AUGUSTO SILVA, JOSE MANUEL, TAMANQUEIRO, BALTAZAR e ZABALA.

AS LAMPADAS
ELECTRICAS



SÃO AS MAIS
ECONOMICAS
E AS MAIS
RESISTENTES.

VER O GRANDE SUPLEMENTO DO O DOMINGO SOBRE
O PORTUGAL-FRANÇA!

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

Ecos

Horas paradas

Ha homens que têm um profundo medo das revoluções: são os revolucionarios.

Dizia-me uma vez um que comandou algumas sublevações: Nada mais horrivel do que um tiro longe, que se não viu disparar, que se não sabe a quem foi dirigido—que se ouviu apenas. Existe um pouco o mesmo pensamento na população das cidades.

Lisboa, que tem passado terriveis horas de anciedade com as revoltas do norte, estaria mais socegada se os disturbios fossem a uma hora de caminho, ou se o caso como antigamente se resolvesse entre o Rato e a Rotunda.

A situação torna-se particularmente angustiosa para as inumeras pessoas que não sabem politicamente para que lado se hão-de voltar. Com alguns jornais dá-se tambem o mesmo. A maior parte só põe essa «en-tê-te» Viva a Republica!, que é um grito que serve a todos menos aos monarchicos, que estão como espectadores ligeiramente interessados.

O publico, esse, profundamente, intrinsecamente, radicalmente indifferente ao que se passa, lastima o caso pela estopada de recolher a casa ás 9 e de lhe tirarem os teatros para desopilar um bocado.

Mas, emfim, seja tudo em desconto dos nossos pecados!

Em Nicarágua...

Um jornal da tarde encheu as suas colunas com as noticias da Revolução... em Nic. rágua.

O mais curioso é que substituindo Costa Rica por Aveiro e Horana por Lisboa, a coisa batia quasi certa... ou foi da nossa vista.

Hospitalidade...

Um nosso amigo estrangeiro foi ontem gravemente atropelado por um carro... de pronto socorro!

O desgraçado foi parar ao Hospital de S. José e nquanto o diabo esfrega um olho.

Ora vá lá dizer para a sua terra que nós não somos excessivamente hospitaleiros...

O senhor que se segue...

Por muito graves que sejam os factos da vida, a blague, impenitente e ás vezes inofensiva surge sempre.

Ontem um revolucionario, apreensivo, perguntou a Erico Braga, ao entrar o empregario na Brasileira:

—Então O senhor que se segue?

Ao que Erico Braga respondeu com o melancolico sorriso de quem perdeu o casão de ontem.

—Diz'm que é o Jaime Cortesão...

ALMAS CARIDOSAS



—Pobre rapaziinho! Não novo e já orfão! quando morreu teu pai?
—Ha trinta anos!...

ESMOLA



—Dê-me uma esmolinha, pelo amor de Deus!
—Só tenho uma nota de conto.
—Ea tenho troco, meu Senhor!

NO RESTAURANT



—A comida é excelente. O Senhor aqui come como em sua casa.
—Alarve, porque não me disseste ta isso ha mais tempo?

AMIGAS



—Ele beijou-me para me provar o seu amor!...
—Sim, se ele foi capaz de te beijar, com certeza que tu tem amor!...

Má Língua

Revolução na China

Car-Mo-Fu, mandarim dos mais cotados, assumira o poder porque podia aos pobres cúins á beira mar prantados restituir paz, progresso, e harmonia.

A tropa, que até ali era fandanga, sentiu o brio espiçado, e veio ajudal-o a clarear a burundanga —pois de outra forma não havia meio.

Toda a gente que tinha que perder deu palmas e aplaudiu de mil man: iras cuidando desta vez que era a valer que a livravam das velhas roubalheiras.

Só ficou pezaroso e oprimido o negro coração cheio de ronha, dos que por tudo já terem perdido por ultimo perderam a vergonha.

Entre estes, Ha-Fon-Su e os seus sequazes, em tais machinações muito versados, trastejaram de urdir tramas capazes de a Car-Mo-Fu e aos seus pôrem tramados.

E o que vimos? Só vimos aguas mornas por parte dos senhores mandarins. Paninhos quentes alentando sornas, caricias animando malandrins.

A espada, que devia dar p'ra baixo sem relucancias nem pieguices toseas, converteu-se por artes do Diacho em pouco mais do que um enxota moscas.

As dragonas, — as filhas dos dragões! — trataram de amansar almas afflictas... Assim, logo surgiram figurões que nellas viram simplesmente... fitas.

E as estrellas das mangas, que brilharam ao principio com tal scintillação!... Mas as mangas... de alpaca se tornaram, e os contrarios... fizeram mangação.

Mêdo? Não foi por mêdo. Foi cegueira, mesclada de incoherencia e de preguiça, que conservou, perante a bandalheira, uma venda nos olhos da Justiça!

O resultado, viu-se. As transigencias deram bernarda grossa; que os chinezes teem tão bernardinas as tendencias que até parecem mesmo portuguezes...

O que estalou no porto de Cantão foi obra dos gulosos de gamelas; diz o povo ou varrem a Noção ou hão de ver qu' antião é que são ellas.

Sirva a lição das coisas aos mandões — Seus intentos são bons; eu não me illudo. Todo aquelle que tem contemplanções contempla em regra os mats... por um canudo.

Como é custoso andar por entre escombros puz-me a fallar de «alhasias» amargaras. Co'um mantón de la China pelos hombros conseguirei livrar-me... de Censuras?

TAÇO

CONCURSO DO
CARMO E DA TRINDADE

No domingo 20 de Fevereiro ás 6 horas da tarde um cavalleiro descera á Rua da Trindade e outro a Rua Nova do Carmo.

Cada um deles entregará imediatamente 5 NOTAS DE CEM ESCUDOS!! á primeira pessoa que, levando O Domingo Ilustrado lhes pergunte: *Quem é o senhor que se segue?*

QUALQUER PESSOA QUE QUEIRA PODE GANHAR 500 PAUS
ELE É BEM MAU!!

Feliciano Santos

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Pagina Alegre por Xisto Junior

ELOGIO DO FABIANO

DECERTO que os leitores já devem ter considerado que morrem diariamente, em Lisboa, muitas mais pessoas que aquelas cujo passamento os jornais noticiam na sua secção necrológica.

Pois entre os numerosos individuos ds ambos os sexos, falecidos na ultima semana e de que as gazetas se não ocuparam, figura obituarimente o meu ex-amigo Fabiano, que Deus foi servido chamar á sua divina presença, tal qual como aqueles outros defuntos, cuja familia dispõe do dinheiro preciso para anunciar este cativante chamamento aos leitores indiferentes das paginas de anuncios. Sim, porque eu não creio que Deus só chame á sua presença os finados que se anunciam a coluna larga e tarjada na quarta pagina, deixando sem uma lasquinha de audiencia aqueles que morrem com completo desconhecimento das administrações dos jornais.

Este Fabiano, cujo passamento aqui anuncio ao orbe atonito, viveu e morreu ignorado pelas mesmas razões por que muitos outros, tão Fabianos como ele, vivem em plena gloria e morrem entre os fogos de Bengala das apoteoses teatrais.

Não succumbiu o meu infeliz amigo ás consequências duma laboriosa indigestão de faisões ou de salmão, tendo morrido miseravelmente dum cirro no estomago. Pobre Fabiano! Este cirro foi a unica coisa que ele conseguiu ter no estomago durante quasi toda a vida... Porque, convem desde já acentuar, Fabiano, apesar dos multiplos talentos que o distinguiram, nunca teve garantido o jantar, almoçando quasi sempre por hipotese e nutrindo se, á ceia, de ilusão ao natural.

A politica, a arte, as sciencias, como o commercio e a industria, atraíam o seu espirito fecundo para as grandes realisações. Foi estadista, foi pintor e literato, foi matematico e quimico, foi inventor, comerciante e industrial, mas sem se sentir e sem que daí lhe viesse qualquer proveito ou beneficio. Só não foi um grande homem e não teve celebridade, porque media insignificamente um metro e cincoenta de altura e porque a celebridade andava de braço dado com outros Fabianos, numa mancebia indecorosa, enquanto o meu pobre amigo lhe fazia as mais honestas propostas de casamento, que ela sempre repudiou.

Fabiano, como elemento da publica administração, esteve por um triz a ser eleito suplente para a junta da sua freguezia. A forma por que se preparou para o exercicio deste cargo, para o qual, aliás, só conseguiu o proprio voto, garantia-lhe o acesso á presidencia

do ministerio. Desde Aristoteles e Platão ao Almanaque de Lembranças leu tudo quanto lhe podia fornecer uma ideia, um plano, uma frase de salvação publica. Correspondeu-se com Mussolini, com Lloyd George e com Poincaré. Passou noites debruçado sobre os livros de finanças do sr. dr. Alberto Xavier, preparou, a horas mortas, um discurso ás forças vivas.

Desta laboriosa fase de preparação politica é que nasceu a obra fundamental da intelligencia de Fabiano: o emprestimo interno, gratuito e obrigatorio.

Merece uma mais larga referencia esta obra, que era simples e clara, como toda a concepção do genio. Não tinha o plano de emprestimo de Fabiano um caracter de violencia, que irritasse as classes conservadoras por um mal disfarçado bolchevismo, antes habilmente aproveitava uma tradição amavel que todos, revolucionarios ou estacionarios, gratamente praticam.

Seguindo a sua tão querida e sempre praticada teoria financeira do «encôsto», Fabiano lavrou no seu belo curso, com todos os artigos e paragrafos, um decreto tornando obrigatorio o uso de dar as «boas festas» ao Estado por ocasião do Natal, Ano Bom e Pascoa, tal qual se dão ao carteiro, ao distribuidor do jornal, etc. No artigo 2.º determinava-se que a esportula nunca poderia ser inferior a um escudo e que ao seu desembolso eram obrigados todos os portugueses de qualquer sexo ou idade. Computando em seis milhões os individuos que desejam ao Estado uma Pascoa feliz, um novo ano cheio de prosperidades e um Natal ditoso em companhia de toda a ex.^{ma} familia, Fabiano calculava realizar anualmente uma receita de dezoito milhões de escudos, que o Estado dissiparia como melhor lhe dêsse na gana.

Este emprestimo, porém, não era



absolutamente desinteressado. O cidadão, ao dar as «boas-festas» na respectiva repartição de finanças, recebia um cartão de visita com os seguintes dizeres: «Fulano de Tal—Ministro das Finanças—A agradecer» e num tipo mais miudinho, como nos bilhetes dos electricos, este distico: «Conserve-se este bilhete». Esta prevenção não visava somente a fins de revisão, destinava-se principalmente a remunerar os portadores destes autenticos titulos de emprestimo forçado, nos termos do artigo 59.º do decreto do Fabiano, que determinava o seguinte:

«A apresentação, no ministerio do Interior, dos cartões de visita de s. ex.^a o ministro das Finanças confere os seguintes direitos:

a) Seis bilhetes dão direito á comenda de Santiago ou de Cristo, á escolha do freguez, na alternativa dum serviço de cristal da fabrica nacional da Marinha Grande;

b) Doze bilhetes habilitam o cidadão apresentante a exercer uma comissão



de serviço publico no estrangeiro durante um mês, á rasão de três libras ouro por dia, com viagens de primeira classe;

c) Vinte e quatro bilhetes garantem ao seu portador uma sessão de homenagem na Sociedade de Geografia, com guarda de honra feita por bombeiros voluntarios; uma lapide na casa da residencia respectiva; o titulo de «cidadão de Lisboa», que acumulará com o de «benemerito da Patria» em duas vidas; uma pensão á viuva e filhos menores, nunca inferior a três contos e seiscentos anuais; a representação dos altos poderes do Estado no primeiro turno do respectivo funeral, tudo isto na alternativa de ser nomeado ministro de Portugal em Paris.

Tal era, em inexpressivo resumo feito de cór, a formidavel obra financeira que o cerebro de Fabiano engendrou. Que nele se inspirem os nossos estadistas, impedidos de consultar na integra o decreto famoso e os seus considerandos geniais, porque infelizmente a dona da pensão onde o meu infeliz amigo habitava vendeu a peso, logo que: ele morreu, todos os seus livros e manuscritos, para se indemnizar dum calote de três mezes de renda do quaato.

Parece-me desnecessario insistir em traços que caracterizem, mais vincadamente ainda, esse genio que a morte apagou, com o seu gelado sopro, como se se tratasse duma vela sobre uma mesinha dde cabeceira.

Fabiano foi grande na pequenez do seu corpo e na da sociedade em que viveu. Em todas as oportunidades o

seu maravilhoso espirito teve ensejo de brilhar nas mais varias questões de utilidade social. Foi, como disse atraz, homem de letras, de sciencias e de artes, mas nunca teve artes de governar a vida, embora tentasse com superior intelligencia o commercio e a industria.

Como pintor e homem de letras, durante a crise dos oleos comestiveis, no Farol de Pias, de que era correspondente, pintou a côres negras e a oleo de amendoim a crise pavorosa que atravessa o peixe frito que com salada de alface é timbre heraldico da cidade de Lisboa, que um dia virá a orgulhar-se de o ter abrigado em seu seio.

Homem de sciencia, rasgou horizontes novos á quimica alimentar, demonstrando em luminosos artigos a superior vantagem da substituição das costeletas de vitela pelo purée de cenoura, sempre que as vitelas se negassem a morrer no Matadouro e as cenouras condescendessem em vir até á Praça da Figueira.

Matematico insigne, demonstrou a possibilidade pratica da multiplicação dos pães das milagrosas bodas de Canaam, só com um lapis, um pedaço de papel, um pão de tipo unico e uma faca para o cortar em fatias.

Como comerciante, vendeu os poucos moveis que possuía para ocorrer a certas exigencias do estomago e esteve a ponto de realizar um grande negocio, que consistia em vender a alma ao diabo, como Fausto e outras celebridades, mas infelizmente na vespera do dia em que devia assinar-se o contrato, o diabo faliu e as portas do inferno foram seladas pela justiça divina.

Pobre Fabiano! Pobre pequeno grande homem, que só dois ou três amigos conheceram em toda a pujança do seu genio, tendo passado para a restante gente como um pobre diabo cuja unica actividade consistia em pedir dinheiro emprestado. Só eu, talvez, entre todos os que simplesmente te conheceram e mesmo entre os que te admiraram, posso inteiramente o segredo da tua grandeza e da tua tragedia e só eu, igualmente, conheço a derradeira amargura que te acompanhou á vala—aquela incuravel magua, que tantas vezes me mostraste, de não teres sido tu o inventor das «bailarinas», que fervem cinco litros de agua em dois minutos!

XISTO JUNIOR

Retratos d'Arte

PELO FOTOGRAFO

SILVA NOGUEIRA

R. Escola Politecnica, 141

FOTOGRAFIA BRAZIL

Curiosidades

AS SETE BIBLIAS DO MUNDO

O mundo tem sete biblias, que são o Alcorão dos mahometanos; os Eddas, dos escandinavos; o Tripitaka, dos budistas; os Cinco Kings dos chineses; os tres Vedas, dos indios e o Zendavesta, e as Sagradas Escrituras, dos cristãos.

O Alcorão é bastante moderno, pois data apenas do século VII da nossa era, contendo uma serie de preceitos e doutrinas tirados do Antigo e do Novo Testamento, do Talmud e do Evangelho de São Bernabé. Os Eddas dos escandinavos publicaram-se no século XI e é a mais recente das sete biblias. O Tripitaka dos budistas contem sublimes máximas morais e puras inspirações. O seu autor viveu e morreu no século VII antes de Cristo. As escrituras sagradas dos chineses denominam-se os Cinco Kings («King» quer dizer teia que conserva os fios no seu lugar) e contem adá, ios escolhidos das melhores épocas, acerca dos deveres ético-políticos da vida. A origem destes adágios não é, com certeza, anterior ao século XI antes de Cristo. Os três Vedas são os livros mais antigos dos indios e, segundo a opinião dos investigadores, a sua origem é anterior ao século XI antes de Cristo. O Zendavesta dos persas é o livro sagrado de mais importância depois da Biblia. Contem as doutrinas de Zoroastro, sábio filósofo nascido no século XII antes de Cristo.

O ANEL DE NÚPCIAS
E A TRADIÇÃO

Segundo o antigo ritual da boda cristã, o noivo começava por colocar o anel nupcial no dedo polegar da mão da noiva e passava-o depois para o indicador e para o médio, pronunciando o nome duma das pessoas da Santíssima Trindade, ao efectuar cada mudança. Como final desta parte da cerimonia pronunciava um «Amen», mudando o anel para o dedo anelar, onde ficava para sempre. O ritual da igreja grega dispõe que o anel se ponha na mão direita. A influência puritana tratou de abolir o anel, considerando-o como um emblema vão. Mas, apesar de tudo, o costume substituiu. Os aneis nupciais variam de vez em quando, segundo a moda, dependendo a sua riqueza da fortuna daquele que o dá.

A CIRCULAÇÃO EM PARIS

Uma interessante estatística, descoberta numa obra antiga, indica o numero crescente dos veículos que circulam em Paris desde o fim do século XVIII.

Eis o curioso resumo.

Em 1658, assinalaram-se, em Paris, 310 carros de luxo. Em 1812, appareceram as primeiras carruagens de aluguer. Em 1824, ha 2.948 fiacres. Em 1890, o seu numero eleva-se a 10.500; em 1906, co tam-se 15.785.

A primeira aparição do «omnibus» data de 1661. Em 1828 já havia uma centena destes carros; no ano de 1855 havia 569. Em resumo, no decorrer do século XIX, em 1-19, ha em Paris 23.409 veículos de todo o genero. Em 1853, ha 32.285; em 1891, o seu total eleva-se a 45.089. Finalmente, em 1910, as ruas de Paris são atravessadas por 430.000 maquinas moveis de variadas especies. Hoje, quantas haverá?



Singer

Ulfimos

Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA COSTURA, MOTORES ELECTRICOS DE FACIL APLICAÇÃO A TODAS AS MAQUINAS,

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61 e em todas as filiais e agentes.

Cosulich Line

Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª
CAES DO SODRÉ, 64, 1.º

A historia
do almanaque

SE há livro inseparavel do homem, amigo íntimo do homem, é o almanaque aquele que, de ano para ano, nos acompanha sempre e que, sobre a secretária, está, como uma sentinela do Tempo, a avisar-nos que o tempo vai passando e são horas de cumprir deveres, entregar trabalhos, realizar pagamentos, etc. A origem dos almanaques e a evolução destes atravez dos tempos tem sido objecto de varias pesquisas, a que se prendem muitos problemas astronómicos, históricos, cronológicos.

O almanaque nem sempre foi como o conhecemos hoje. Nem o podia ser, antes de descoberta a imprensa. No Egipto, em Tebas e num dos célebres túmulos dos faraós, o túmulo de Ramsés IV, encontra-se, gravado no tecto, o desenho de um calendário ou almanaque, contendo, entre outras cousas, a indicação das estrelas visiveis de Tebas. Como essa sepultura data do século XIII antes da nossa era, segue-se que, pelo meos há três mil e duzentos anos, já havia almanaques. Em tão remotos tempos, a sciência era monopolizada p los sacerdotes e, como é natural, a estes competia a organização dos calendários. De facto, assim succedeu no Egipto, na Grécia e nos primeiros tempos de Roma. No ano 303, antes de Cristo, um certo romano chamado Canis Flavius compôs um almanaque em que introduziu previsões meteorológicas. Nas obras do escritor ibero-romano Columella, natural de Cadiz e que floresceu nessas longínquas eras, também se encontram, de mistura com estudos sobre agricultura, dados de calendário e meteorológicos.

Os almanaques tiveram grande expansão entre os romanos e tomaram diversas formas. Houve-os de madeira, de mármore, de marfim, etc., contendo sempre indicações astronómicas e sobre o tempo, culturas, etc.

Com a difusão do cristianismo, acrescentou-se aos almanaques alguns dados sobre festas religiosas, coa emoração de santos, de cultos, etc.

Os mais antigos almanaques que se conhecem, já sob a forma de livros, são dos anos 339, 448 e 483.

Saltando vários séculos, temos, no século X, o «Calendário de Córdoba», composto em Córdoba por Arrib ben Saïd-el Kateb, que é já um verdadeiro almanaque, com indicações astronómicas, meteorológicas, agrícolas, higienicas, e contem o observações sobre as festas religiosas dos arabes e dos cristãos, sendo digno de nota a atenção e profundo respeito com que se expõem os ritos festas, e solenidades destes últimos.

Mais tarde, Abrahão Zacuto; de Salamaaca, publicou um «Almanach Perpetuum», de que ainda há exemplares, um dos quais anotado por Afonso de Córdoba. Em 1580, publicou-se em Valência um almanaque com este titulo: «Almanaque ou prognóstico dos acontecimentos que se esperam, segundo as confirmações dos planetas e estrelas, que hão-de succeder em diversas partes do mundo, e particularmente no horizonte de Valência».

A partir de certa época, os almanaques apresentam a particularidade de oferecer: previsões aos seus leitores; assim como se faziam previsões astronómicas, assim se previam acontecimentos. Há pouco tempo, relativamente, a Academia de Ciências de Berlim, que tinha o monopólio do almanaque, que editava e vendia, resolveu substituir as previsões um pouco fantásticas por observações certas, curiosas e instrutivas. A venda do almanaque da Academia baixou de tal maneira que foi necessário dar-lhe a sua feição primitiva. Em Inglaterra, o governo chegou a proibir que os almanaques publicassem certa especie de previsões, tão infundadas como alarmantes.

Descoberta a imprensa, o almanaque difundiu-se imenso. Alguns adquiriram extraordinária popularidade, como o de Regiomontano, o de Edimburgo e o de Gotha, começado em 1763. Hoje, há almanaques enciclopédicos, e scientificos, literários, desportivos, artísticos, aristocráticos, plebeus... O almanaque é o livro que se apresenta sob mais variadas formas.

AS JAPONESAS MODERNAS

Há cerca de um milhão de mulheres japonesas que exercem uma profissão. Excluindo as criadas e as empregadas em fábricas, a municipalidade de Tokio apresenta a seguinte estatística: 100.000 nos serviços médicos—enfermeiras, cirurgiões, farmacêuticas; 80.000 no ensino; 50.000 em escritórios e empregadas dos telefones; 600.000 no commercio, incluindo empregadas de hotéis e actrices de cinema (estas em número de 620); 1000 como taquígrafas, reporters e outros empregos em jornais; 600, músicas.

UMA GRANDE LIVRARIA

A celebre livreria Hachette celebrou agora o seu centenário e, a propósito, os jornais falaram da formidável organização comercial dessa casa. Além da sua sede social, a casa Hachette conta, hoje, 55 depósitos em Paris e 15 agências na provincia, Corsega, Argélia e Marrocos; 42.000 correspondentes e depositários.

rios em França, nas Colónias e no estrangeiro; tem 1.600 sucursais em gares do caminho de ferro. Nas suas oficinas tem 450 máquinas. Tem 6.620 empregados e operários. Nas suas garagens tem 210 veículos. A média de encomendas expedidas por dia é de 30.700. O peso das encomendas expedidas é de 250.000 quilos, ou seja um comboio com 25 vagons. A média de livros e publicações é de 22.000.000 de exemplares por ano, ou 154 por minuto. A livreria Hachette recebeu, de Novembro a 1925 Novembro de 1926, 1.298.977 cartas, ou seja, 541 por hora ou 9 por minuto.

DINHEIRO!!!
JUROS MODICOS

COMPRA E VENDA DE ANTIGUIDADES, OURO, PRATA, JOIAS E OUTROS ARTIGOS

José Mayer

RUA DO LORETO, 18
TELEFONE T. 44

COOPERATIVA

DOS

ESTOFADORES E DECORADORES

Premiada na Exposição do Rio de Janeiro em 1908 com a medalha de prata

Sociedade de Responsabilidade Limitada

ENCARREGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS EM ESTOFO, TANTO EM NOVO COMO REPARAÇÕES E BEM ASSIM PINTURAS E ENCERAMENTOS DE CASAS ARMAÇÕES, TAPETES, OLEADOS, MOBILIAS POLIDAS, MOVEIS DE FANTASIA, PAPEIS PINTADOS, ETC.
PREÇOS MODICOS

31, Calçada da Estrela, 33

LISBOA

Telefone T. 39

M. Lopes Coelho, Brito, L.

RUA DA ATALAIA, 71

TEL. 287 T.

Cosulich Line

Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª
CAES DO SODRÉ, 64, 1.º

"Staffa" para Londres

28 de Janeiro é e 1927

LISBOA

Telef.: C. 3601 3602 e 3603

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RÓCIO É FAZER UM ANUNCIO QUE TODA A LISBOA VÊ!

A INVENÇÃO DO MICROSCÓPIO

A propriedade amplificadora dos vidros convexos é um conhecimento muito antigo. Muito antes da nossa era foram trazidos do Egipto para a Europa uns globos de cristal que aumentavam os objectos. Mas os microscópios simples ou lupas datam do século XIII e Rogério Bacon fala d'elles, em 1250. O microscópio composto parece que foi construido, pela primeira vez, em 1590, pelo holandês Zacarias Jansen, oculista em Middelburgo. No entanto, estes primeiros instrumentos eram muito imperfeitos. As primeiras observações micrográficas um pouco precisas devem-se ao inglês Hooke (1665) e ao célebre naturalista holandês Leenwenchoek (1642-1723), a quem, por causa disto, se atribui e radamente a invenção do microscópio.

O ÉBANO

As mais antigas civilizações conheceram e consideraram preciosa esta magnífica madeira negra que, quando é muito polida, pode assemelhar-se ao mármore. Parece que o seu nome vem do hebreu «eben», que significa pedra, e deve ter sido assim chamado por causa da sua dureza. Os gregos chamaram-lhe «ebenos», e os latinos «ebenum». Na India é que há o mais belo ébano. Existe, na India, uma variedade chamada ébano de Coromandel ou ébano estriado, por ter suas fibras mais escuras. O ébano de Madagascar é também muito belo; o da Africa central, principalmente o do Cameroun e de Zanzibar, é menos perfeito. Existem outras variedades de ébano. Há mesmo—por estranho que pareça—um ébano branco, que vem das ilhas Filipinas. Da ilha Maurícia vem um ébano vermelho. A árvore do ébano dá também frutos excelentes, pouco conhecidos na Europa, apesar de fazerem um xarope delicioso e de serem mesmo empregados, por alguns povos, no fabrico de aguardente.

NOIVADO CAFRE

Quando os jovens cafres querem casar esperam uma rapariga, numa encruzilhada da floresta, dão-lhe, por detraz, uma grande mózada na cabeça e levam-na, d smalada, para casa. Se a rapariga morre da pancada que apanhou na cabeça, o jovem dá-a a comer aos peixes, para aproveitar o cadáver, e espera o momento em que possa escolher outra noiva. Se, pelo contrário, a rapariga resiste á agressão, o jovem cafre toma-a por esposa. Mas depois de semelhante «amabilidade» do noivo, é evidente que a jovem esposa permanece sempre numa docilidade exemplar ante os menores desejos do seu marido e senhor.

A TEMPERATURA DA LUA

Tem sido feitas numerosas observações, utilizando aparelhos especiais de extrema sensibilidade, para apurar a temperatura do solo lunar. Em 1888, o sábio Ericsson declarou que essa temperatura era igual ou superior a menos 97°. Uns cincoenta anos antes, Pouillet calculava-a em menos 142° centígrados. Depois com o barómetro, calculou-se que «a temperatura média do solo do nosso satellite, exposto á iluminação solar, não é, provavelmente, muito inferior ao zero centígrado e deve ser, aproximadamente, de menos 10°». Esta temperatura é variavel segundo as fases da lua.

MOBILIAS

CASA de jantar H. 2.º, 11 p.) 1.300\$00
Dita com vitraux e espelhos (17 p.), freijó 2.100\$00
Dita nogueira, [18 p.), rica 6.000\$00
Quartos de cama, (7 p.), desde 1.700\$00
Escritorios (5 peças), desde 800\$00
Sais de visita (12 p.) a inglesa 550\$00
Camas, á inglesa 160\$00
Toilettes, espelho bisoté 400\$00
Além destes artigos ha mais variedades. Pianos, cofres e oleados.

O DOMINGO
Ilustrado

TEATROS

UM AZ DO THEATRO DO BRASIL

Leopoldo Frois

A SUA REAPARIÇÃO AO PUBLICO
DE LISBOA
A BOLSA DA ANGELA



Cada um e cada qual

SE um dia se vier a seleccionar o teatro portuguez, agregando valores, restringindo ambições, chamando elementos que a putreia reles de cabolinismo exilou, torna-se necessario, como primeira medida de ordenação artistica, elevar dignamente o actor, mas prendendo o á sua verdadeira profissão.

Neste caso *profissão* quer dizer—*posição*.

Lá fora é raro aquele que consegue a um tempo ser actor, autor e empresario.

Se citarmos Sacha Guitry, Jean Sarment e Bernstein—este ultimo apenas como autor e empresario—poucos são os nomes que têm triunfado em profissões tão opostas, se não antagonicas, que requerem um talento quasi universal de conhecimento, de ideias, de cultura, de visão e de critica apurada por uma experiencia tenaz e arguta, onde o inverosimil é regra e o caso normal excepção.

Se dentro do palco o horizonte é um—mais limitado, cheio de convencionalismos e de erros proprios duma arte, que é o fantoche de iluzão, fora dele, na plateia, no jornal, na rua, onde nem todos os transeuntes trazem uma boa peça debaixo do braço, e os que a trazem mercadejam sucessos falaciosos—o horizonte é outro, incessantemente transformado em agitação, em tumulto, em luta, em discordancia, onde é difficil ouvir o eco vibrante da beleza ou lobrigar caminho solido e rapido, que conduza ao Capitolio, sem passar... e ficar estatelado na Rocha Tarpeia da asneira, da ineptia, e do ridiculo.

O actor deve ser grande na sua arte. Se o fôr, ela absorve o tão inteiramente que não necessita pluralizar-se noutras profissões que, embora inherentes com do teatro, contrariam a sua tendencia de beleza pura, espiritualizada e limpida de qualquer antigencia material. A do empresario é uma delas, principalmente, no nosso paiz, onde os palcos têm porta aberta para a bilheteira e para os escritorios de negocios...

Isto não quer dizer que o verdadeiro empresario, o que alterna vezes com exitos, não é digno do nosso elogio e do nosso louvor. O seu talento é feito de *reflexão*—e não de *emoção*. Esta sinteze, que nada tem de torcida e paradoxal, significa que é raro um bom actor dar um bom empresario. Lá fora, noutro ambiente, onde não medra como aqui o analfabetismo artistico, citam-se nomes, que não fazem multidão.

O empresario tem que escolher o artista, apreciar a sua qualidade, ludibriar junto do publico, pela escolha dos papeis, os defeitos obrigatorios da natureza humana; distinguir as peças não pelas personagens, mas pelo valor total da obra; ser expectador para *desejar* determinada corrente dramatica, que não reflua em pateadas e insucessos, mas que corra opulenta, rapida e dominante até ao maior exito anual; tomar-se uma orelha junto de cada critico e ouvi-lo; administrar, dirigir, congraçar, livre de pessoalismos exacerbados, fora de todas as intrigas, acima de todas as lutas;—ser, enfim, aquele espelho, onde tudo se reflete e se corrige, só pela revelação silencioza dos mil defeitos dos homens, das coisas, e dos acontecimentos...

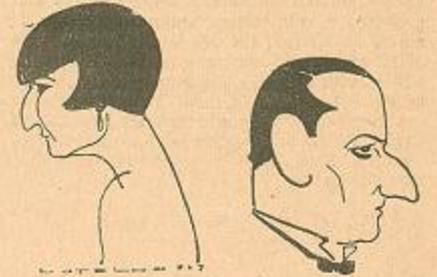
Pode o artista, o lidimo artista completar-se tão intima e objectivamente, dispersando-se em analyses, em planos de grande envergadura, em detalhes, importantissimos e sempre urgentes que desprezados, erram em milímetros de origem, quilometros e quilometros de alvo?

Não!

Há excepções, claro. Mas é vêr o que em regra faz o actor atacado de *empresariar aguda*. Este papel de occasião leva um desempenho tão defeituozo, tão arrastado, tão aniquilante e inglorio que, quazii sempre a arte e o negocio trambulham, irremediavelmente.

AS COMPANHIAS FRAN- CEZAS VERA SERGINE E PITOFF

Madame Vera Sergine e o seu galã, mr. Henri Rollan fizeram no S. Luiz dez representações, com um bello exito de publico. Trouxe-os a Lisboa, o sr. dr. Ricardo Jorge, illustre empresario daquele teatro, e que assim nos



Madame Vera Sergine e Mr. Henri Rollan, visto pe'o nosso caricaturista Botelho.

deu alguns espectaculos muito interessantes. Mr. e Madame Pitoff devem está entre nós por estes dias, sendo ansiosamente esperadas as suas exhibições, dando-nos com elas o mesmo arrojado empresario uma grande lção de arte moderna.

Saibam os artistas ser apenas artistas e os empresarios apenas empresarios—que haverá lugar para todos e... até para o teatro.

ARTUR PORTELA

ATELIER MADAME VALLE

ROBES ET MANTEAUX
RUA PASCOAL DE MELO, 9
LISBOA

Telefone 1401 N.
MOSTRA SEMPRE MODELOS
DAS MELHORES CASAS DE PARIS

Apolo Olimpia

Companhia Almeida Cruz. Teatro musicado onde figura a grande voz e o talento dramático do seu director. Repertorio de gosto popular e de valor. Teatro tradicional e querido da população lisboeta. Comodidade, conforto, modicidade de preços e um espectáculo alegre e artistico.

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Film de primeira escola. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependências, de forma a torná-la a preferida do publico.

Hoje e sempre: A Mouraria.

CARLOS ABREU

Nacional S. Luiz Politeama Trindade Avenida Gimnasio Eden Variedades

A primeira scena dramatica portugueza, á frente da qual sta Alves da Cunha—o grande actor, o primeiro da sua geração Adeline Abranches, a comedianta cujo nome dispensa elogios, e Perta de Bover, artista cultissima e moderna, acompanhados com Sacramento e Arquivo Pereira, mestre ensaiador. O mais forte repertorio moderno. Actualmente a grande farsa: «O Maluco das Avenidas Novas».

A unica grande companhia de opereta ortoguesas, sob a direcção do nosso primeiro «metteur-en-scène» do teatro musicado, Armando de Vasconcelos. Grand's elementos como Auzenda de Oliveira, Vasco Santana, A dina de Sousa e Baritono brasileiro Silvio Vieira, que tanto exito já alcançou A maior sala de espectaculos de Portugal! Actualmente: Vera Sergine e Henri Rollan

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia esplendida com os nomes de Lida Sil-hini e Alexandre de Azevedo e Raul de Carvalho, no primeiro plano. Epectaculos da melhor arte. Repertorio escolhido e preferido pelo publico. Empresa do arrojado e antigo empresario Luiz Pereira. Actualmente: A comedia: «O Filio»

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuímos. A grande Lucilla, com Erico, Almeida, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura do mais difficil repertorio internacional. As noites mais artisticas da capital e os es-pectaculos mais emocionantes de Lisboa. Actualmente: O settor que se segue. Agora: «A Orqueo»

Companhia Satan-la-Amazante. A companhia mais sympathica ao publico Alem de Amazante—o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, numa nota-vel actriz que reune o encanto duma mocidade fresca ao «dic» parisiense da sua estila. Hoje e por enquanto todas as noites «O Pé de Gallo».

O teatro mais moderno e mais europen. A frente o nome glorioso de Amelia Rey-Colaço, Robles Monteiro e todo um conjunto de artistas disciplinados e com um passado de trabalho que assegura o exito desta companhia, boa em qualquer grande capital e unica em Lisboa. Espectaculos de comedias, alta-comedia e drama. Actualmente: «A condessa Maria» de Lucca de Tena.

O teatro das fantaisias e revistas populares. O teatro mais barato de Lisboa. Boa musica, lindas mulheres. Os melhores comicos. Os espectaculos do Povo—feitos de arte portugueza e de sentimento nacional. Direcção de José Glimaco. Hoje e sempre: «Sempre Fixe» por duas Companhias de Revista.

Companhia Maria Matos. Mendoça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farsas e dramas. Exitos, «tournees» triunfais a estabelecer o grande merito neste conjunto. Teatro elegante da Parque Mayer. Hoje sempre: Inferno.

Cigarros "Murattis"

«Os predilectos da elite, os de maior fama no mercado. São duma fabricação extra, escrupulosa. Tabaco Egipto da mais fina qualidade, gosto e aroma inexcitáveis. «çam em toda a parte os cigarros "MURATTIS" FORTISSOS. Importado

N ESSA tarde, longa, azul, grisalha de neblina, o Chiado estava com aquele vago tom de elegancia que ainda ás vezes se descortina na misteriosa aristocracia dos seus «trottoirs».

Eles subiram, os dois, lentos, fatigados, inteirados nos amplos sobretudos. Só no Camões, de fóra das portas da Garrett, estacaram. Lá dentro ia toda a furia dum jazz e via-se subir a fumada dos cigarros a embaciar as luzes brilhantes. Entraram. O Filipe Mendes, o Pereira de Carvalho, os Anadias, escanhoados, reluzentes de indolencia, no «spleen» das suas cabeças «sirées», falavam-se discretamente. O groom tomou conta dos fatos, e os dois, isolados, sentaram-se. Havia mulheres desocupadas em vaga dispersão pelas mezas, e, a um canto, coloniais e políticos fumavam diante dum regimento de calices de «chartreuse». Tratava-se decerto de salvar as colonias. . .

— Tive esta manhã uma ideia. . .
«Uma ideia fulminante, que me tem perseguido como a sombra—disse Guilherme, quebrando entre os dedos um malacrino meio ardido.

— Uma ideia sobre quê?—atalhou o Castelo Branco sorvendo um golo de mazagrão.

— Sobre a minha vida! Ou eu me engano muito, Castelo, ou ainda este ano vamos a Nice. Amanhã devo fechar com os Bertrand um contrato grande—coisa muito grande, mesmo!

— Tu?!—disse o outro espantado.
— Eu, sim. Vamos para a rua. Não quero falar aqui. Bebe isso depressa.

— Mas não esperas pela Maria Luiza?

— Não. Está na modista. Só a vejo ao jantar. Vamos.

E os dois saíram rapidos, na vaga ondulação do charleston que o jazz atacava. . .

Na rua, Guilherme tomou-lhe o braço, e no Largo da Rua Antonio Maria Cardoso, tranquilo e só aquela hora, explicou:

— Meu velho, estou farto! Preciso viver! Preciso pensar finalmente um pouco em mim. . . Estamos na miséria. . . A obra do pai, na sovínice sordida dos Lelos, não dá nada. E' uma ridicularia! E eu tenho a Maria Luiza. E, que Diabo, tenho-me a mim mesmo. . .

— Não compreendo. . .

— Pois é facil. Tornei a ler os ineditos do pai e acabo de oferecer as primeiras edições ao Lelo e aos Bertrands. Estes pagam melhor, decerto. Amanhã terei a resposta do Porto. Mas estou decidido pelos Bertrands. São dez, doze volumes. Novelas, romances incompletos, cartas, crónicas. Espero levantar mil contos. A ideia de que te falei é fazer-las publicar quanto antes.

Fez-se um silencio longo entre os dois homens.

Por fim, Guilherme voltou:

— O que dizes?

O Baú dos manuscritos

Página admirável de interesse,
escrita sobre a vida. Lê-a e
medita-a, leitor tranquilo. . .

— São, de facto, algumas paginas do teu pai?

— Porque duvidas. . .

— Guilherme—estamos sós.—Eu conheço o famoso baú dos manuscritos.

«Se é apenas o dinheiro que te leva a mexer nessas paginas, não lhe toques. Escreve ao S. Falar-lhe ei. Que diabo! ele tem-te ajudado, foi sempre tanto de vocês. . . Vale bem mais.

— Mas é que ha muita materia publicavel. Se visses. . .

— Ha outra razão, Guilherme, que te leva a essa loucura. E tu vais dizer-ma.

— Estás intratavel.

— Estou teu amigo. Logo falarei á

idade. Vou fazer publicar três romances. Aparecerão como ineditos, e como de meu pai. Pensei muito sobre este facto. Tenho absoluto direito de o fazer.

— Tu?!

— Sim, eu. Os romances são feitos sobre apontamentos dispersos, paginas rapidas de esquiços a lapis, fulminantes. A prosa é minha. E', alem de tudo, uma obra piedosa e de reconstrução.

— Uma obra criminosa—Guilherme!

— Uma obra legal. Tu proprio o disseste já: «Se tu não fosses filho de quem és, serias um grande novelista. Assim, usando o nome que usas, serás sempre uma lastimavel comparação, uma comparação muito inferior e ine-



e os dois, isolados, sentaram-se.

Maria Luiza e saberei tudo. Ela anda mal.

— Não, não lhe falarás. E' inutil.

— Porquê?

— Porque te falo eu mesmo. Escuta. . .

— «E' verdade! E' rigorosamente ver-

vitavel á obra do teu pai». Disseste tu! Pois bem. Fui mal recebido. Fui escorçado. Fui troçado. Porquê? Porque não tinha talento? Não. Porque era filho do maior escritor da sua geração. Com que direito meu pai me legou o peso tremendo do seu nome? Acaso ele teve de vencer identica dificuldade?

«Porque injustiça então eu sou perseguido na unica actividade que me podia garantir a existencia e na unica razão tão bela da minha vida de artista: isto é, sou impossibilitado de escrever.

«Tem ele o direito de me perseguir com o seu nome e com o peso da sua gloria alem do tumulto—e não tenho eu o direito ao menos de usar o reverso da medalha?

«Quero fazer uma experiencia. Fui apoucado nos meus romances. Desejo ver se, com o rotulo glorioso de meu pai, a minha obra é aceite. Se eu soffro de toda a proscidade do seu nome, ao menos que gose tambem das vantagens dessa aproximação. . .

Castelo Branco ouvia-o em silencio. Os dois amigos tinham descido o Fregial e o Alecrim e, distraidos, seguiam agora ao longo do Aterro.

— O que dizes? voltou anciosamente Guilherme. Só tu o sabes. Quero a tua opinião.

— E' um crime—lançou o amigo surdamente.

— Tu não tens o direito de fazer passar o que escreves como sendo de teu pai. Isso, tem o ar duma profanação terrível. E' uma burla intelectual.

— Mas ele tem o direito de me impossibilitar a mim de escrever!

— Que diz a isso a Maria Luiza? Decerto não te atreveste a confessar-lhe a fraude. Ela, que foi tudo para teu pai. . .

— Oh! a Maria Luiza! Pois fica sabendo: foi ela absolutamente quem me decidiu a isto.

«Uma noite, depois de termos durante o dia negado um sem numero de facturas, estavamos na biblioteca, aniquilados. Tinham saído os poucos amigos que ainda nos frequentam. A Maria Luiza tinha, para cúmulo, perdido ao bridge uns centos de mil réis.

«Ela então disse-me:

— «Tens todo o direito de publicar os volumes postumos. Sou eu que t'ó digo, eu que fui a animadora, a critica em primeira mão de toda a obra do teu pai. Eu, que fui tantas vezes a fonte inspiradora, a sugestão e a emoção vivas dos seus personagens, eu, que revia o que ele escrevia, sua amiga, sua leitora, sua colaboradora frequente, t'ó digo: Publica. Nada do que fazes é inferior ao que ele fazia. Tens todas as suas qualidades e és novo, mais generoso e mais forte.

«O seu pessimismo ainda te não atacou, e a ele minava-o. A sua ironia era funebre e a tua é salvadora. Escreve. Se fôr preciso a chancela do seu nome, não hesites: usa-a. Os mortos não falam nunca—mesmo quando tenham razão. E a razão de toda a sua vida: fui eu».

«Assim, Castelo, falou a mulher que foi a derradeira amante de meu pai e que é hoje a mulher que me domina a mim, como o dominou a ele.

«Que queres que eu faça?

— Que tenhas, ao menos, o talento que ele teve. . .

Disse, no mais amargo sorriso,

Castelo Branco.

E os dois amigos separaram-se.



UMA NOVELA DRAMÁTICA
COMPLETA

Uma vida...

*Novela admirável de discreta
emoção, feita sobre um caso
real, por um escritor novo de
prosa moderna e nervosa.*

ESSA manhã em Lisboa acabava de chegar ao meu quarto, um quarto simples, dois ou três móveis, meia dúzia de cadeiras e uma janela aberta, sempre aberta para o azul do rio.

—Está ali um senhor que lhe deseja falar!—anunciou a criada, uma criada lisboeta com modos de senhora.

—Que entre,—respondei eu, sacudindo-me impaciente na cadeira onde cára, com o ultimo livro de Claude Farrère aberto sobre os joelhos.

Pensei ser a conta do alfaiate, ou uma destas visitas insuportáveis que nos fazem pior que as revistas dos teatros exibidas nos palcos de Lisboa. Enganei-me. Um rapaz novo, brilhantemente vestido, assomou á porta de entrada, afastando com delicadeza o reposteiro.

Levantei-me e fui ao seu encontro.

—Eu sou seu velho amigo, condiscipulo de Coimbra num collegio infantil. Não me conhece?

—Não, respondi.

—João Sabugosa...—e o meu hospede conservou-se calmo, olhando-me com penetração.

Pensei um pouco. Observei-o de alto a baixo com crescente curiosidade, e de repente redargui:

—Muito bem. Estou a conhecê-lo, queira entrar nesta sua casa; e indiquei amavelmente uma cadeira.

Um raio de sol brincava na vidraça da janela. As lufadas de vento fresco sacudiam o ramo de cravos que trouxera, havia pouco, do Chiado.

Perto da janela, eu e o meu amigo ficámos de frente. Abri a cigarreira e ofereci um *Jorro*. O meu amavel hospede aceitou com um sorriso de agradecimento. Torna a miral-o, a esquadrihal-o com subido interesse. Era ele João Sabugosa, condiscipulo no collegio, dos tempos distantes de Coimbra. Um fato claro, estilo de Londres, assentava como uma luva no seu corpo elegante. A face rosada, os olhos verdes e brilhantes, uma boca altiva e doce, de orgulho e de ternura. Conhecia-o bem, afinal. Apesar de muito outro, de um homem já, ficára o seu fundo psiquico projectando-se na mobilidade do rosto, no olhar, no rictus ironico da boca.

—Como me descobriu?—perguntei.

—Duma maneira simples. Cheguei de Londres há três dias, e ontem, no Rocio, vi-o passar e cumprimentar um amigo comum. Abordei esse amigo e indaguei se era realmente Carlos Fernandes. Respondeu-me que sim. O que fazia, e onde morava. Esse amigo prestou-me todos os esclarecimentos e eu resolvi procural-o. Interessava-me a sua pessoa. Vira o seu nome em Londres, nos jornais chegados daqui. Sabia-o trabalhando, procurando uma vida de independência, e eu como seu antigo amigo resolvi procural-o.

—Muito obrigado. Em que posso ser-lhe util?

—Em nada, simplesmente com o seu convívio. Como sabe, vim de Londres, para onde minha familia se transferiu, em virtude da nomeação de meu pai para a embaixada. Resolvi vir até

Lisbôa, até Portugal, matar saudades. Um ano de ausencia, bem vê!...

—Então a sua vida?—disse eu entre desprendido e despreocupado.

—A minha vida é como todas as outras, uma vida que aborrece. Estudei, observei e uma mulher decapitou-me a mocidade como muitas vezes sucede.

—?!...

—Admira-se?

—Não, mas com a sua calma, o seu talento...

—A minha calma, o meu talento,...

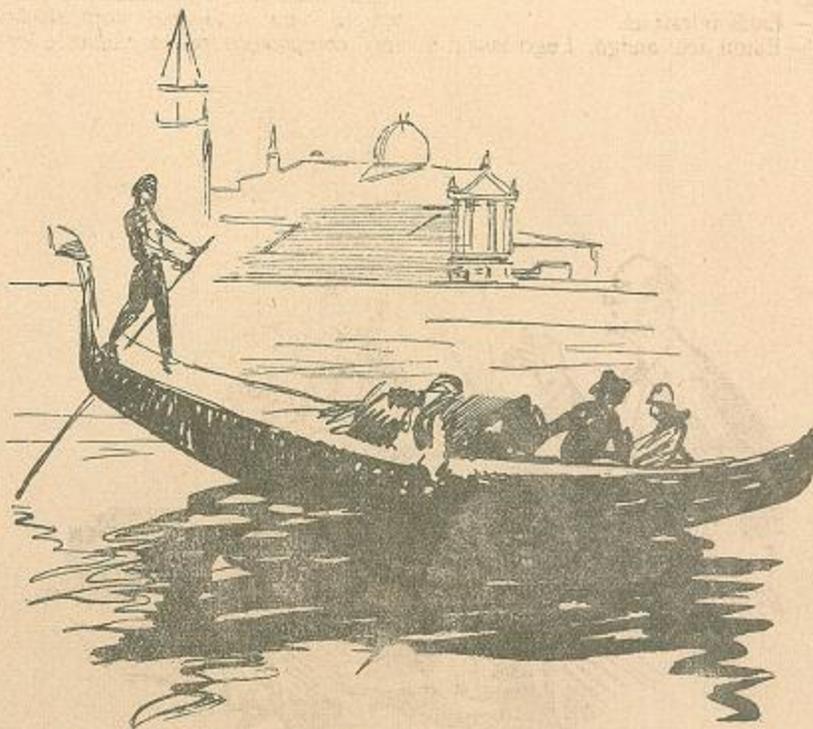
O meu amigo levantou-se tambem. De repente disse-me:

—Posso contar com a sua convivencia?

—Absolutamente, ... respondi eu.

—Então, reservarei para daqui a uns dias a breve historia da minha vida. Nada de inedito. Um caso como outro qualquer! Agora, falemos de si.

Dias depois, nesse mez de Maio de Lisboa, em que as ruas parecem bazares estuantes de vida, entrei com João Sabugosa na Garrett. Eram 10 horas



«Eu vivia assim, deliciosamente, na graça daquela mulher...»

—retorquiu-me João Sabugosa, lançando a ponta do cigarro com naturalidade para a rua.—Meu amigo, não há calma nem talento que resistam á ironia da propria vida. E de resto, eu era uma pessoa optimista...

Levantei-me interessado. O que haveria de curioso e de inedito no fundo daquele rapaz bom? Que nova historia de amor estaria rugindo naquele coração de 25 anos, a que a vida parecia oferecer mil facilidades.

da manhã. Lisboa oferecia o seu espectáculo da manhã, o mais delicioso espectáculo da capital depois dos incidentes de São Bento.

Eu e o meu amigo sentámo-nos a uma meza. Pedimos caté e torradas. Uma ingleeziinha loira comprava bombons. Na rua um pregão de varina e os passos apressados dum funcionario de ministerrio.

—Quere? então que lhe conte hoje a minha vida?

—Se isso o não aborrece...

—Nada, até me interessa.

E o meu amigo João Sabugosa, com uma voz calma, começou a dizer:

—Depois que saí do collegio de Coimbra vim para Lisboa estudar. Matriculei-me no Technico. Contava ser engenheiro, mas o amor duma mulher fez de mim isto que aqui está, um homem sem interesse.

«Uma tarde em que saíra das aulas de-me na cabeça de seguir no comboio para Sintra. Não hesitei. Comprei bilhete no Rocio e segui no primeiro comboio. Cheguei a Sintra, onde costumava ir recrear o meu espirito, e relacionei-me com uma linda rapariga da melhor sociedade. Fôra-me apresentada por uma familia amiga. Era interessante. Magra e leve, uns cabelos muito pretos, uns olhos de estarrecer e uma intelligencia invulgar. Apaixonei-me. Voltei a Sintra varias vezes, e passados mezes resolvemos fugir. Maria Ester tinha 17 anos e era filha de pais platonicos e rigidos. O nosso amor fôra um incendio, não havia para ele obstaculos.

«Nesse dia, fui de manhã ao Banco, levantei o meu dinheiro, um dinheiro que tinha herdado de minha avó, e segui para Sintra, de automovel. Foi nos facil sair de Sintra, no mesmo carro, pela tarde desse dia, em direcção a Colares. Depois seguimos para Coimbra, onde comprámos bilhetes do caminho de ferro para Madrid. De Madrid seguimos para Veneza. Instalámo nos sem luxo, mas com conforto. Passados dias escrevi uma carta a meu pai e outra aos pais de Maria Ester, cartas que mandei deitar no correio fóra de Veneza. Contava singelamente a nossa resolução. Eu estava certo que não nos perseguiriam. Meus pais conheciam o meu feitiço equilibrado e os de Maria Ester não desceriam do seu orgulho dando-se sequer ao trabalho de mandar procurar-nos.

«Cumprira o meu dever, e de consciencia tranquila resolvera viver com a maior felicidade possivel. Esquecera os meus estudos, a minha paixão scientifica. Desabrochava em mim o sentido literario. Vivía contente.

«Maria Ester cortara o cabelo, modernisara-se, e assim me parecia mais tentadora, mais bela. Comprara-lhe uma linda pérola em Paris, dessas pérolas escuras, grandes, que encerram mistério. Ela usava-a na mão direita, na mão em que segurava o cigarro de ponta dourada, marca deliciosa que eu descobrira numa Tabacaria de Veneza, a um canto da praça de S. Marcos.

«Eu vivia assim, deliciosamente, na graça daquela mulher e no ambiente suave de Veneza. Resolvi trabalhar. Sabia o francês e arranjei um emprego numa casa comercial dos arredores.

O meu amigo fez uma pausa.

Acabamos de tomar a pequena refeição, e eu reclamava do creado um maço de *Jorros*.

O sol mais vivo e loiro brilhava nos espelhos, inundava o Chiado. O rumor da vida aumentava na cidade cosmopolita á beira mar plantada.

Lisboa aproximava-se das suas horas intensas de borborinho e de febre.

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9



VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 2

4.ª serie

SECÇÃO CHARADISTICA

SOB A DIRECÇÃO DE

JOSÉ D'OLIVEIRA COSME

DR. FANTASMA

6
FEVEREIRO
1927

Apuramento do n.º 8 (3.ª SERIE)

O. LABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

AFR CANO

N.º 3

9 Votos

N.º 16, de REI-FERA	3 votos
N.º 13, de JAMENGAAL	2
N.º 2, de SPARTANUS	1
N.º 8, de D. GALENO	1
N.º 19, de SATURNO	1

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D. GALENO, D. SIMPATICO, D. VASCO, DROPE, HOPE, LHALHA, ORLANDO-PALADINO, REI-FERA, VIRIATO SI-MÕES, (todos da T. E.); DITE, GABI, LILI, MAMEGO, ORDIGUES.

QUADRO DE MERITO

BICHO KNHOTO (16), MARIANITA (15),

OUTROS DECIFRADORES

DOIS PRINCIPANTES (8), LORD DÁ NOZES, CAMARÃO, (6), FOFORONOFF, RENANDOF (5), VISCONDE DA RELVA (2), CASTROLIVA, EURISTO (1).

DECIFRAÇÕES

1—placido, 2—nomenclatura, 3—TALENTOSO, 4—amortecer, 5—herva, 6—portador, 7 farrobeta, 8—flaberta, 9—zangano, 10 zaubús, 11—degradado, 12—frio-leira, 13—festos, 14—afalcoado, 15—postpato, 16—enfia-do, 17—macuchel z, 18 apagar, 19 sussegar, 20—mira-olho, 21—sebastião.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 19, de SATURNO, com 16 decifRADORES.

DEDICATORIAS

CASTROLIVA, EURISTO e VISCONDE DA RELVA, decifRaram o que lhes era dedicado.

CHARADAS EM VERSO

[Agradecendo a Jamengal a imortal dedicatoria do seu magnifico soneto]

Sofri, outrora, um dia e desvarado, Pela mulher que, sempre, desp'rouz O meu amor sincero e não escutou Jamais, meu coração apaixonado.—2

Porém, Deus, justiciero, ouviu meu brado, Minha prece e, o di aprezou seu, mudou No mais ardente amar, e me tornou Indiferente e calmo o triste, fado.

Hoje, liberto já daquele o'har Fatal, eu gozo com o sen penar.—2, E, só para aumentar-lhe o sofrimento,

Oponho, nos rogos mil do seu amor, O gélido silêncio, esmagador, Que se evolva do frio esquecimento.

Lisboa BAQULHO

2 Para um homem conseguir—1 Um certo cargo rendoso,—2 E' preciso que ele seja Mui gentil e don troso.

Lisboa AFRICANO

(A' gentil Marianita)

Leva a fava p'ra o celeiro.—2 Ordenei a minha se'va. Pois ela, apenas si,—1 Foi p'ra o campo, ceifar chervas.

CASCALS

ANELE

4 O Braz nam vra a Zeca e a Gulomar E adora a ambas, com am.r provado. Mas, agora, anda o Braz at'pallado, Pois ná sabe com qual deva casar:

—E se eu leváse a Zeca para o lar? Mas, tambem... a Gulomar... custa u o bocadol! E assim, oscila entre um e outro lad'.—2 Sim saber por qual ponta ha de pegar.

Sem compalhe, inia o hão de deixar—1 As duas, só por ele tr vaci-de, Ficando, o pobrezinho... a vacilar.

Antes que o f.pam, Braz, toma cuidado: —Casa com a Zeca e oterce á Gulomar Um quarto independente e mobiliado...

Lisboa

DITE

LOGOGRIFO

(Ao digno amigo Bisgulle, agradecendo a sua «Gososo»)

5 Quando nessa «cadeira» recostid',—7 5 6 7 Pausadamente, vira a caderneta, Esse livro-razo, de capa preta, 4—5—2—7 Mal imagina, mestre, o meu estado.

Sou, então, como o tímido soldado Que espera do inimigo bala ou seta,—5 7 Temendo, com a mente deslangueta, Ser, p'lo duro projectil, alvejado.

Pois, de mim, se apodera tal terror E, de ser hamado é tá grande o susto,—4—8—7—3 Que, com certeza, perco toda a «côr».—4—8—2—1

Essa—momento, até respiro a custo, E proponho emendar-me, mas... senhor, E' só naquilo tal instante orastio.

Lisboa

AULEDO

ENIGMA EM VERSO

(Ao egregio Jamengal)

6 De junto da farna observa, Que, no Prado, nasce a herva, Sem ter li nem ter programa. Tambem, de certa, se avosta, Até se perder de vista, Da «provincia» o panorama.

Lisboa

ORDIGUES

CHARADAS EM FRASE

7 Dispensio certa proteço aos jogos e não posto de ouvir zombar de qualquer sorte de j.go aa bof.—2—2

Lisboa

BIXO KNHOTO

8 Desde que gastel a minha fortuna, é uma lastima o meu viver obscuro.—3—1

Lisboa

D. GALENO (T. E.)

(Para o «Euristo» matar de cara, mas... sem réplica)

9 Se criticael severamente o seu artigo, foi, pela ma-gua que me causou ha tempo: em me ter publicamente re-preendido com aspereza.—2—1

Lisboa

DROPE

(Ao amigo Ordigues)

10 Agradeço-lhe muito em me ter dedicado termos desse faz. Gostei da delicadeza!—1—1

Lisboa

EURISTO

11 Aquelle que lança ás golfidas um serl' de insultos, decerto, no fim, compreende que as frases foram duras, na verdade.—2—1

Lisboa

GABI

12 Embora sinta tristesa por me desprezares, hei-de mostrar-te, com alma, que sou caprichoso.—5—1

Lisboa

HOMEM SEM NOME

13 O que discute com impeto, dá bem a «nota» da sua condição.—2—

Lisboa

JAMENGAAL

(Agradecendo a Aviardo)

14 Não me seduz o trabalho de decifrar charadas, onde o tenham tornado pouco violento.—3—1

Lisboa

MAMEGO

15 O abade duma «provação da Africa Occidental Por-

CRAZ PALAVRUCRIDAS

Passatempo da moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r.c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, b m como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

DOIS TORREJANOS, NITO

DECIFRAÇÕES DO N.º 108

HORIZONTAIS.—1 doutor, testar. 2 olé, netos, ide. 3 mas, usna, lis 4 a, stors, t. 5 desata, apside. 6 ocaço, aurea. 7 aba, pia 8 prisa, g tda. 9 ataola, sraiol. 10 s, amaro, t. 11 cea, gu-las, moi. 12 ano, aerea, eav. 13 lipari, emilio.

VERTICAIS.—1 doma-do, pascal. ola, ecart, eni. 3 nes, sabiá, aop. 4 t, asaro, a. 5 on isto, alagar. 6 resta, amuel. 7 tno, rir. 8 toessa, sraee. 9 esarpa, grosam. 10 s, supra, l. 11 til, iriei, mel. 12 adi, deado, oai. 13 retea, alivo.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso dis-tinto colaborador NÓNO

HORIZONTAIS.—1 pe-dra, letra, astro (inv.), le-trra, arvore do Brazil. 2 me-lhoramentos. 3 oratorio (ant.), nação da Europa. 4 cidade de França (pyri-neos), concertar. 5 seita, duas consoantes, contração da preposição com o arti-go, de cobre. 6 genero de plantas. 7 pronunciar fanhosamente, coelho (com erro de orthogr.). 8 prefixo de negação, io da Russia Europea. 9 dor n ouvido, nome comum. 10 o que eleva, anagrama de «lardos». 11 assim seja, tambem (ant.), duas consoantes, agil (inv.). 12 enfuna, sulfato de alumina. 13 lubrificadas, mimo. 14 firmeza de caracter. 15 existencia, letra, interjeição, letra, rapa (inv.).

VERTICAIS.—1 conchello de Nyassa, letra,

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1															
2															
3															
4															
5															
6															
7															
8															
9															
10															
11															
12															
13															
14															
15															

Lisboa 25-1.º-1927 - Nono

tripulação, 1-tra, adjectivo f. (pl.) 2 adverbio de mod. 3 deusa oriental, alimentar. 4 poesia pas oit, atrar. 5 pateta (inv.), a figo, duas consoantes, aspecto (inv.) 6 celebre pintor italiano do secu o XVI (inv.), anagrama de «copiae». 7

juntar, embargo, 8 interjeição, outra coisa. 9 salvagem (inv.), imagem. 10 rebanho, capa (ant.). 11 cruel, nota (inv.), filha de Inacho, anagrama de «miau». 12 alvas, incinerar. 13 e«cítaria, natural duma cidade alentejana. 14 cor-relação. 15 proteção, letra, a parte podre da madeira, letra, rio da Suissa.

A Mobiladora

DE

JOÃO ROZADO

COMPRA E VENDE MOVEIS NOVOS E USADOS, ANTIGOS E MODERNOS E CASAS COMPLETAS

112, R. Eugénio dos Santos, 112 Antiga R. de Santo Antão - Em frente á R. dos Condes

LISBOA

MAQUINAS DE COSTURA, E SEUS PERTENCES

Oficina de sapataria

Ru do Norte, 59 1.º

Primeira Casa de Carimbos em Portugal

FUNDADA EM 1819

E. E. DE SOUZA & SILVA

Gravadores

FABRICA DE CARIMBOS EM TODOS OS GENEROS

ANEIS EM AÇO E OURO COM BRAZÕES, COROAS E MONOGRAMAS

PREÇOS EXTREMAMENTE BARATOS



157, Rua do Ouro, 159 98, Rua da Vitoria, 100 a 102

LISBOA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O MINGO
Illustrad.



Varia

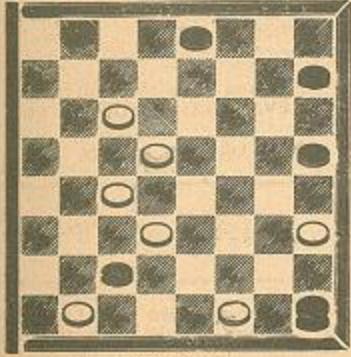
UMA VIDA...

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7

DAMAS

PROBLEMA N.º 106

Pretas 1 D 4 p.



Branças 7 p.

As Brancas jogam e ganham.

Solução do problema n.º 107

Branças	Pretas
1 10-14	17-10
2 24-27	31-24
3 11-16	7-11
4 2-6	10-1 D
5 23-26	30 23-14
6 21-30 D	1-19
7 30-12-3-17-31-20-7	

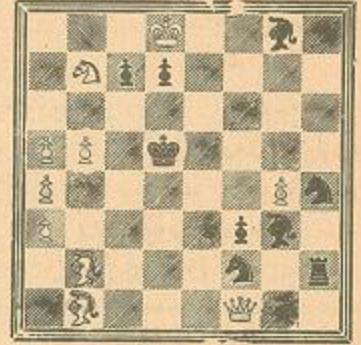
O problema hoje publicado foi-nos enviado por Nuno (Figueira da Foz).

XADREZ

A correspondência sobre esta secção pôde ser dirigida Perreira Machado, Oremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 108

por R. Teichmann
Pretas (9)



Branças (10)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 107

(S. Loyd)
1 R. 4 B

Resolveram o problema n.º 106 os srs. Nuno Cardoso Maximo Jordão, e G. A. X. Damião de Odeira.

Federação Portuguesa de Xadrez: Tendo sido definitivamente constituída esta associação na assembleia geral de amadores de xadrez que se realizou em 25 de Janeiro, foram eleitos os directores seguintes para o 1.º biénio de gerencia:

Presidente: J. M. da Costa; vice-presidente: Martinho R. da Rocha; secretario: Dr. M. P. Machado (tesoureiro); A. M. Pires; vogaes: C. Romberg, Marquez de Ficalho e dr. A. Joyce.

A Federação propõe-se realisar este ano o Campeonato de Portugal, precedido de dois torneios principaes, um em Lisboa e outro no oiro, nos quaes se poderão inscrever os tres primeiros classificados nos torneios de qualquer grupo filiado.

Todas as informações sobre qualquer assunto da Federação podem ser pedidas ao secretario 1.º na Eduardo Coelho, 35, 2.º Lisboa.

G. A. X. Damião de Odeira e G. A. X. do Grémio Lisbonense:—Começaram já nestes clubs os torneios de classificação para apuramnto dos jogadores que hão de disputar o Torneio principal de Lisboa. Para esse efeito jogam no torneio do Grémio Literario os amadores deste Club e os do G. A. X. de Alpiarça. Outros grupos que desejem concorrer devem pedir immediatamente a sua inscricao.

O meu amigo, depois de acendermos os cigarros, continuou:

—Como lhe dizia, viviamos felizes, eu e Maria Ester. Recordavamos em longos passeios a historia de Veneza. Falavamos de guerreiros, de poetas e de artistas. Um dia descobrimos d'Annunzio passeando calmamente, a olhar as aguas tranquilas, depois da morte da Duse. Fôra para nós um deslumbramento! Seguímol-o longo tempo...

«Depois dum ano de intimo convívio, resolvemos regressar a Portugal, e casarmo-nos. Nossos pais não se oporiam. Maria Ester seria uma esposa ideal, moderna e ideal...

«Mas um dia, sem mais nem para quê, cheguei a casa vindo do trabalho e não encontrei Maria Ester. Indaguei. O meu creado respondeu-me, sem se descompor, que a senhora havia saído de manhã, depois da minha ida para o trabalho, com um cavalheiro num automovel, e que não regressára. Fiquei desapontado! Não era possível... Esperei um, mais dias, e... nada. Não restavam duvidas; Maria Ester havia desaparecido. Como, não queria acreditar ainda, apesar do relato do meu creado.

«Uma manhã seguinte recebi o correio. Entre os jornais destacava-se um sobrescrito grande, endereçado por Maria Ester, exalando um delicioso perfume. Abri nervosamente e li o seguinte, que conservo de cór:

Meu querido amigo

Fugí com o jardineiro do parque onde costumavamos ir passeiar todas as tardes. Não me julgues louca. Gostei dele e eu tenho dinheiro.

Maria Ester

«Fiquei perplexo. Nessa mesma tarde regresssei a Lisboa, a casa de meus pais, que me receberam com a costumeada amizade. Conteí o que se havia passado comigo, e sorriram. Esse sorriso foi a melhor lição da minha vida.

«Voltei ao Technico. Não conseguí estudar mais. Empreguei-me. Passados dois anos, passeiando na Rua do Ouro, vi Maria Ester pelo braço dum rapaz novo, que me parecia alemão. Seguí-os até ao Hotel de Inglaterra, onde obtive a confirmação de que haviam casado. Já não me admirei.

«Um mez depois meu pai era nomeado para Londres, continuando assim a

carreira que uma longa licença por motivos de saúde interrompêra.

«Em Londres, renovei os meus estudos de engenharia. Uma noite vi uma bailarina exibindo-se num palco. Firmei-me e era Maria Ester. Nada senti. Continuei os meus estudos e aqui me tem engenheiro, pronto a começar a vida, mas nunca mais serei feliz...

Era uma hora da tarde. Levantámo-nos. Paguei a despeza e seguimos Chiado acima.

Muitos anos depois, encontrei João Sabugosa em Bruxelas, engenheiro duma importante fabrica. Distinto, a mesma beleza masculina, a mesma lucida e calma inteligencia. Demos um grande abraço, levou-me para sua casa, uma casa linda, cheia de bom gosto e de arte. Quando julgava encontrar uma mulher e filhos, um lar, João Sabugosa apresentou-me a sua mãe, uma senhora velhinha e de doce sorriso português.

—Meu pai faleceu em Londres. Vivo aqui já há cinco anos. Há dez anos que não volto a Portugal, depois que estive consigo em Lisboa.

—Então...

—E' que nunca soube o que lá fui fazer...

—Não.

—Exigir á Maria Ester, que acidentalmente lá se encontrava, o anel de pérola que eu lhe havia dado. E' a unica recordação que conservo dela...

Falavamos ao canto da sala de jantar, sós, enquanto eu contemplava extasiado o requinte do mobiliario e os adornos da sala.

—Então a vida para si não tem encantos novos?

—Não, isto é, como há dez anos lhe disse, no seu quarto de rapaz, *Uma vida que aborrece...* Apesar de tudo, de toda a minha tranquilidade na vida, o amor daquela mulher decapitou-me a alegria. Sou um romantico revestido de seculo-vintismo!...

E olhando-me profundamente:

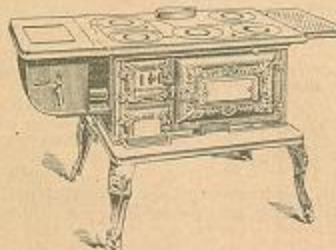
—Afiml, quasi todos os modernistas são como eu...

Coimbra 1925.

MANUEL DE COIMBRA

FOGÕES ESCOCESSES

(Modelo caseiro)



Centenas a funcionar em Portugal. Também ha outros modelos em deposito. Agente: Herbert Cassels Junior, R. 24 de Julho, 56—Lisboa. Telefone CC. 3256.

NÃO HAJA DUVIDA

QUE OS SOBRETUDOS DA MODA E CAPAS VALENTISSIMAS SÃO SEMPRE MAIS BARATOS



CASA DAS TESOURAS
51-51A RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA 53-55
PERES & ABRANTES, SUCA 33-55

MOVEIS E ESTOFOS

Ao Confortavel

DE

NASCIMENTO PIEDADE

TELEFONE NORTE 3968

Rua da Palma, 109 a 115, 1.º

LISBOA

PAULINO FERREIRA

ENCADERNADOR DOURADOR Casa fundada em 1874

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ MOVIDAS A ELECTRICIDADE

Premiada em todas as exposições a que tem concorrido

DIPLOMAS DE HONRA na Exposição da Caixa Economica

Operaria e na Exposição da Imprensa

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS SIMPLES E DE LUXO

Rua Nova da Trindade, 80 e 82—LISBOA

TELEFONE 3495 N.

Aos Diabéticos



A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

Acaba de fazer uma nova diminuição nas tarifas dos seus taxis Citroën (palhinha amarelo que passam a ter os seguintes preços:

BANDEIRADA, OS PRIMEIROS 300 METROS, 1550

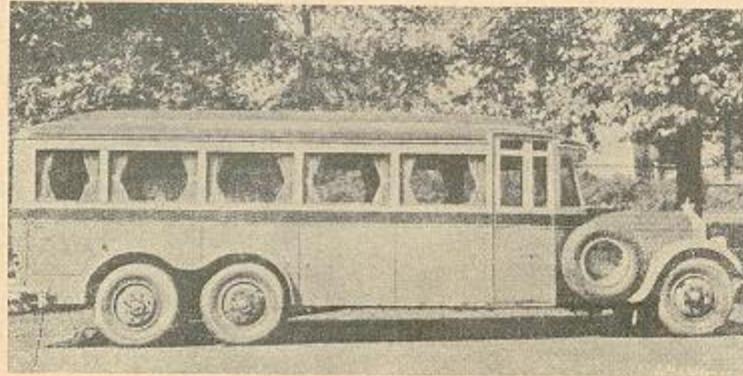
FRACÇÃO DE 300 METROS, 350

Esta Cooperativa, para tornar mais rapidos e economicos os serviços de Chamadas atendidos pelos telefones N. 5521 e 5528 e pelas sara es e postos da Avenida Visconde Valmor, 70 a 76 (sede), R. Almirante Barroso, 71 e Largo da Estação do Ressoy (Duque do Cadaval) inaugurou um novo post.º na Estrela, R. Domingos Sequeira, C. L., telefone T. 766.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

Actualidades gráficas

DESAPARECE O CAMINHO DE FERRO ?



O veículo do futuro, pratico, rapido e economico, para mercadorias e passageiros, parece ser o automovel. Na America já se substituíram algumas vias-ferreas por auto-estradas, onde circulam luxuosos e confortaveis «Pullman», automoveis como este que a gravura representa.

A MODA EXTRAVAGANTE



Com um pretexto de utilidade foi lançada em Paris esta extravagante moda de guarda lamas para os sapatos de senhora, de cuja eficacia é licito duvidar.

LIVROS



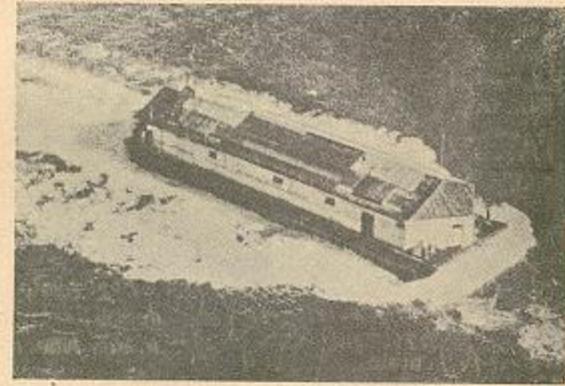
O celebre escritor francês Clement Vautel, do qual acabam de ser traduzidos para português, com grande exito, os seus dois famosos romances : «Sua Reverendissima entre os ricos» e «Sua Reverendissima entre os pobres». A iniciativa destas traduções deve-se á Livraria Civilização, do Porto.

ALTOS CARGOS



Posse do novo ministro do Interior, realisada a semana finda.

CASA FLUTUANTE



Esta imprevista fotografia representa um lanchão, onde se adaptou um laboratorio de cartografia e hidrografia, em serviço nos lagos dos Estados Unidos.

UMA HOMENAGEM



Assistencia ao almoço oferecido ao director do «Jornal dos Teatros, sr. João Florencio.

O 1.º DE FEVEREIRO



Aspecto da saída da missa por alma do Rei D. Carlos e do Príncipe D. Luiz Filipe.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

PUBLICIDADE

"LINFATINA"
Nobre Sobrinho



BÉBÉS ASSIM se se obtém dando
TINA—Nobre Sobrinho.
DEPOSITO
**Telxeira Lopes
& C.ª Ltd.**
45, Rua de Santa Justa, 3.ª
LISBOA

GRANDE OUIVESARIA, JOA-
LHARIA, PRATARIA, RELOJOARIA
E ANTIQUIDADES

DE

Joaquim Nunes da Cunha, Limt.ª

RUA DA PALMA, 100 a 106

RUA MARTIM MONIS, 27

Telefone N. 2924

LISBOA

Compra e vende aos melhores preços do
mercado brilhantes grandes, esmeraldas, per-
las e safiras, joias com pedras finas e com mi-
nos novos, moedas antigas de ouro e prata, re-
logios, caixas para rapé, esmaltes e tudo o que
seja antigo em Ourivesaria.

Tem sempre para vender e tambem apeso
joias, ouro e boas pratas, tanto antigos como
modernos, comprados nos melhores fabricantes
do Mundo e nos principais leilões de penhores

Academia Scientifica de Beleza

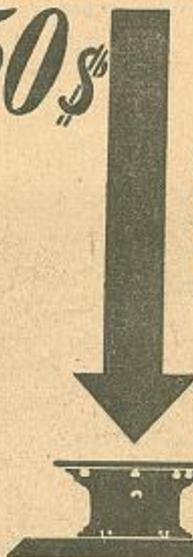
A Toilete do rosto em 5 tempos



- 1.º—Lavar o rosto com PASTA D'AMENDOAS ORION 12\$50.
 - 2.º—Refrescar a pelle, limpar os por s, tonificar os musculos com a AGUA RAI-
NHA DA HUNGRIA, 15\$00 a 20\$00.
 - 3.º—Dar côr á- faces com ROUGE DE VIE IMPERATRIZ (liquido), 10\$00.
 - 4.º—Aplicar CREME RAINHA DA HUNGRIA que branqueia a pele, evita a for-
mação das rugas, dando-lhe um aveludado, encantador. Amostra 2\$00. Pote
10\$00 e 15\$00.
 - 5.º—Polvilhar o rosto com o PÓ D'ARROZ RAINHA DA HUNGRIA, que sendo
muito leve e não sendo oleoso, deixa respirar livremente a pele sem obturar
os poros. Amostras 2\$00. Caixa 18\$00.
- Na sua massagem e para dormir use o CREME VELPEAU, 15\$00.
Se fizer a sua toilette tres dias com estes productos, reconhecerá que está mais
nova, que a sua pele tem frescura, transparencia e um aveludado incompa-
ravel.
- OS PRODUCTOS RAINHA DA HUNGRIA podem ser usados por senhoras ou
cavalheiros que tenham a pele seca ou normal; se a pele é gorda e luzidia,
usa os productos de ACACIA, se tem os por s diladados, usa os PRODU-
CTOS CIVETTE, e se tem pêlos usa o DEPILATORIO ELECTRICICO RA-
DICAL, que os tira para sempre.
- Se tem imperfeições na pele, de qualquer natureza, aplique a MASCARA DE BE-
LEZA que lhe tira a pele em oito dias: E' O PROCESSO MAIS RAPIDO
E MODERNO DE REJUVENESCIMENTO. Mostram-se pedaços de pele
tirados com a Mascara, a quem desejar vê los.
- Tem rugas? tire-as com os PRODUCTOS ELECTRICOS-MIRABILIA.
Se tem sardas ou manchas na pele use o tratamento VILDIZIENNE.
Escreva hoje mesmo e peça o catalogo gratis, enviando 1 escudo para resposta.
Peça em toda a parte os produ tos da ACADEMIA SCIENTIFICA DE BE-
LEZA que foram premiados com o GRAND PRIX na EXPOSIÇÃO DO
CENTENARIO DO RIO DE JANEIRO e noutras exposições a que tem
concorrido a

FOGÕES ECONOMICOS!!

350\$



ASSA
GRELHA
COZE
FERVE
E NÃO
SUJA

SEM FUMO
SEM CHEIRO
SEM CINZAS

EM 12 PRESTAÇÕES MENSUAES

CADDO GAZ VER AS NOSSAS MONTRAS
RUA DA BOA VISTA 35

Academia Scientifica de Beleza

Directora: — MADAME CAMPOS

AVENIDA DA LIBERDADE, 25-A — LISBOA

AUTOMOVEIS

Mash e Packard

SÃO OS MELHORES PARA ENTREGA IMEDIATA

SEMPRE EM EXPOSIÇÃO NO

Salão Packard

4. PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA

LISBOA

Orey Antunes & C.ª L.ª

LISBOA E PORTO

Telefone 1094 N.

FUNERAES
SIMPLES
E LUXUOSOS

SERVIÇO
PERMANENTE

MARIO
AUGUSTO
DA SILVA
MILHEIRO

131, RUA DOS ANJOS, 133
LISBOA TELEF. 1094 N.

Telefone 1094 N.

ESTÁ MAGRO? TEM FALTA DE APETITE?
SENTE-SE FRACO?

TOME LICOR "IBERIA"

FARMACIA ULTRAMARINA

99—R. S. Paulo—101

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS

CONTINENTE E HESPAÑA

ANO - 48 ESCUDOS -
SEMPRES - 24 ESC -
TRIMESTRE - 12 ESC -

ASSINATURAS

COLONIAS

ANO - 52 ESCUDOS - SEMPRE - 24 ESC -
ESTRANGEIRO
ANO - 64 ESCUDOS - SEMPRE - 32 ESC -

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES



A REVOLUÇÃO DO NORTE
Anciedade por notícias!

O povo, arrancando das mãos dos vendedores de jornais, que percorreram as ruas de automover, os exemplares dos diários noticiosos,

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING